

Mediação e diversidade de vozes:

a ação das fontes na cobertura do movimento de ocupação nas escolas paranaenses

Luãn José Vaz Chagas¹

Resumo: O artigo realiza uma análise da cobertura do Paraná TV 1ª Edição na última semana de outubro sobre o movimento de ocupação de escolas paranaenses. O objetivo é verificar a construção de sentido a partir dos enunciadores presentes enquanto fontes nas notícias apresentadas na plataforma online do telejornal. A coleta e análise dos dados foi realizada com o aporte teórico-metodológico da Análise Televisual (BECKER, 2012) ao lado de entrevistas semiestruturadas com estudantes do movimento Ocupa na cidade de Guarapuava. A discussão envolve as mediações na construção da notícia com abordagens plurais e diversas nos estudos sobre jornalismo audiovisual.

Palavras-chave: Jornalismo. Mediações. Análise televisual. Fontes.

La mediación y la diversidad de voces: la acción de las fuentes en cubrir el movimiento de ocupación en las escuelas de Paraná

Resumen: El artículo presenta un análisis de la cobertura televisiva Paraná primera edición en la última semana de octubre en el movimiento de ocupación de las escuelas de Paraná. El objetivo es verificar la construcción del sentido de enunciadores presentes mientras que las fuentes de las noticias presentadas en las noticias de televisión plataforma en línea. La recogida y análisis de datos se realizó con el apoyo teórico y metodológico de Análisis Televisual (BECKER, 2012) lado de entrevistas semiestruturadas a estudiantes Occupy movimiento en Guarapuava. La discusión implica las mediaciones en la construcción de las noticias y la necesidad de lecturas sobre diversos enfoques plurales, en el contexto de temas específicos en el estudio del periodismo audiovisual. El documento también apunta a nuevas formas de pensar sobre la clasificación de las fuentes y cómo se activan dentro de una cobertura específica.

Palabras-clave: Periodismo. Mediaciones. Análisis televisual. Fuentes.

¹ Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJor) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Mediation and diversity of voices: the action of the sources in the coverage of the occupation movement in the schools of Paraná

Abstract: This article analyzes the coverage of Paraná TV 1st Edition in the last week of October on the occupancy movement of schools in Paraná. The objective is to verify the construction of meaning from the enunciators present as sources in the news presented in the online platform of the television news. Data collection and analysis was carried out with the theoretical-methodological contribution of Televisual Analysis (BECKER, 2012) along with semi-structured interviews with students of the Ocupa movement in the city of Guarapuava. The discussion involves mediations in the construction of news and the need for readings on plural and diverse approaches in the context of specific themes in the studies on audiovisual journalism.

Keywords: Journalism. Mediations. Television analysis. Sources.

Introdução

Os estudos de jornalismo em aspectos como a diversidade e pluralidade de vozes na mediação das notícias e construção de sentido sobre os acontecimentos são cada vez mais importantes no momento político atual. Torna-se relevante analisar as formas com que as indústrias culturais se posicionam diante da extrema polarização ideológica que subverte relações e se apropria das mensagens que são propagadas a cada minuto em diferentes plataformas. Neste meio, a produção da notícia e dos formatos audiovisuais tem uma postura central na forma com que as fontes apresentam as interpretações dos acontecimentos (BECKER, 2012; ALSINA, 2009).

O presente trabalho tem como objetivo analisar construção de sentido na posição dos enunciadores, em especial as fontes, no tocante à pluralidade e diversidade no jornalismo. O momento escolhido para o estudo foi o mês de outubro, quando o chamado Ocupa Paraná gerou uma nova onda de protestos em todo o país, chegando a 2.114 escolas, além de 22 universidades. Somente nas instituições paranaenses, foram 961 instituições secundaristas e nove campi de ensino superior. Os protestos foram marcados por diversos acontecimentos, como confrontos com manifestantes contrários às ocupações liderados pelo Movimento Brasil Livre (MBL) e o Desocupa Paraná²; e até mesmo a morte de um adolescente na cidade de Curitiba³.

A coleta e análise de dados foram realizadas com o cruzamento de duas metodologias, a Análise Televisual (BECKER, 2012) e entrevistas semiestruturadas (DUARTE, 2006; GASKEL, 2002) com seis estudantes integrantes de coletivos de comunicação das ocupações em escolas da cidade de Guarapuava, interior do Paraná. No primeiro caso, as categorias de análise são aplicadas e interpretadas com base em oito vídeos do principal

² Movimento organizado por pais, alunos e professores na cidade de Cascavel que pediam o fim das ocupações.

³ No dia 25 de outubro, Lucas Mota, de 16 anos, foi morto dentro de uma escola ocupada em Curitiba. As investigações da Polícia Civil apontaram que o crime aconteceu após uma briga com um jovem que havia usado drogas e invadido o colégio.

telejornal de veiculação estadual, o Paraná TV 1ª Edição, disponibilizados no site G1 PR⁴, na semana de 24 a 28 de outubro de 2016. A escolha das datas é em virtude da primeira e única reportagem que foi ao ar sobre o tema no Jornal Nacional durante o mês no dia 26 de outubro⁵.

A hipótese é de que a ação discursiva das fontes, quando não plural ou polifônica, favorece a definição de identidades e valores únicos na construção de sentido sobre a temática. Por fim o texto discute as relações entre o conceito de mediações (MARTÍN-BARBERO, 2004; SILVERSTONE, 2002) e a construção de sentido por meio dos enunciadores nos acontecimentos e produtos noticiosos (ALSINA, 2009; ZELIZER, 2004; SHUDSON, 2010).

A diversidade e pluralidade: mediação e dialogismo na construção de sentido

No emaranhado de mensagens midiáticas, a mediação é parte de uma reflexão que busca situar a pesquisa sobre os processos de construção de sentido do audiovisual. O conceito nos ajuda a entender as formas de participação essencial da mídia na vida diária, na experiência contemporânea que atravessamos (SILVERSTONE, 2002). Ela também nos auxilia a olhar para os gêneros do discurso na ótica de Bakhtin (2006), com suas formas inesgotáveis e complexidades geradas na medida em que se desenvolvem. Por outro lado, provoca reflexões na produção jornalística em meio à velocidade e às condições de produção da notícia, nem sempre garantindo o valor simbólico que representa (BECKER, 2012; NEVEU, 2006). Desta maneira, se torna impossível escapar das notícias, dos eventos que são criados, recriados, da representação proporcionada, articulada e rearticulada pela própria audiência. Essa relação de apropriação e reapropriação, de entendimento e significação, de bricolagens e hibridizações é também parte do consumo e da dependência da informação e do entretenimento diante das intensidades do cotidiano (CERTEAU, 1998; GARCÍA CANCLINI, 1990).

Ao considerar o intenso consumo destes produtos, em diferentes plataformas e dispositivos, Silverstone (2002, p.33) pensa a mídia enquanto um processo e compreende a mediação como o “movimento de significado de um texto para outro, de um discurso para outro, de um evento para outros” e as constantes transformações de significados em grande e pequena escala no contato com os textos midiáticos. A experiência individual e coletiva foge a uma circulação fechada e envolve a infinidade de intertextualidades provocadas pelos agentes que dela participam.

Martín-Barbero (2006, p. 292) define mediações como um campo que se constitui por dispositivos pelos quais a hegemonia transforma por dentro, o sentido do trabalho e da vida comunitária. Assim, propõe o que chama de “mapa noturno para explorar o novo campo” baseado em três lugares: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. Ainda que soe vago na ótica apresentada pelo artigo, essa formulação,

⁴ Paraná TV 1ª Edição: <http://g1.globo.com/pr/parana/paranatv-1edicao/videos/>. Acesso em: nov. de 2016.

⁵ “Estudantes ocupam quase mil instituições de ensino no país”, disponível em: www.globoplay.globo.com/v/5406061. Acesso em: nov. 2016.

criticada depois inclusive pelo próprio autor, nos ajuda a fazer uma ponte entre o conceito formulado em “Dos meios às mediações” (2006) e depois em “Ofício de cartógrafo” (2004).

O autor então afirmou que o objetivo do mapa era indagar a dominação, a produção e o trabalho por meio das brechas, do prazer. A fuga de perguntas que já estavam recorrentes nas investigações sobre os meios de comunicação e a cultura levam ao reconhecimento das mediações, entre os sujeitos, as zonas da realidade cotidiana que envolve a dependência, apropriação e a invenção. Ao cartografar essas experiências, nas décadas de 1980 e 1990, o autor não subestima a mídia como algo onipotente e único, mas que é atravessado pela recepção, um lugar ambíguo.

Assim, as mediações, envolvidas pelas ações da mídia, são espaços com diferentes vozes, negociações de sentido, diferentes visões de mundo apresentadas pelo conjunto de agentes presentes nestes textos. A luta entre posições antagônicas na sociedade passa pela mediação dos núcleos familiares e da presença na vida em comunidade (MARTÍN-BARBERO, 2004). A pluralidade de vozes e a disputa voltam-se novamente ao conceito de polifonia em Bakhtin, para a possibilidade de “coexistência entre qualquer situação textual ou extratextual que não se fundem numa única consciência”, possibilitando um dinamismo dialógico, na justaposição e contraposição de um modo de olhar para a diversidade cultural (STAM, 2010, p. 345).

Olhar para as mediações e os discursos que a implica é também analisar como se dão as disputas de sentido entre a emissão, a recepção e as tecnologias. A formação de vínculos na produção textual é parte de uma rede complexa de signos em disputa (MARTÍN-BARBERO, 2004). Assim como o consumo cultural marca um lugar de participação simbólica das audiências, as apropriações e reapropriações são partes do reconhecimento e valor atribuído às vozes presentes nestes textos. O local de fala das fontes e o papel da pluralidade e diversidade nos conteúdos se torna fator preponderante diante do reconhecimento das diferenças culturais presentes na sociedade.

Como afirma García Canclini (1990), é preciso enxergar a hibridização dos estratos culturais da sociedade que produzem um pluralismo generalizado e que nem sempre contempla a diversidade social. O autor argumenta que a fluidez comunicacional, a descentralização e a multiplicação de serviços de mídia não estão disponíveis a todos e, mesmo com novas mídias, coexistem velhos e novos dispositivos de concentração da hegemonia. Assim, a fragmentação dos públicos com uma segmentação desigual é o resultado da descentralização comunicacional, traduzida na ausência de regulação dos mercados. Quando o poder público deixa de cumprir o seu papel, o acesso à informação e a bens culturais já não é acessível para a maioria. Neste sentido, quando não se pensa nas diferentes vozes, a preponderância de quem fala é quem possui condições de conquistar a hegemonia das leis propostas pelo mercado.

Dado esse contexto, a ótica do pensamento sobre a diversidade e a pluralidade, ou o pluralismo, foge do contexto liberal e aspectos normativos nos estudos do jornalismo. É preciso entender as mediações no contexto da

hegemonia dos públicos e como um campo de disputas. Nesse caso, a garantia do diverso e do plural no jornalismo não segue somente a possibilidade de aparição de diferentes interpretações, ou de um representante, mas sim no entrecruzamento entre os discursos em um cenário textual onde os grupos podem ser ouvidos com a força e a ressonância necessária (STAM, 2010).

A cobertura de diferentes conflitos sociais, como foi o caso das ocupações, segue a lógica da visibilidade pública, do acesso disruptivo ao jornalismo (MOLOTCH; LESTER, 1999) e na possibilidade de um fluxo televisual com diferentes enunciados, garantindo a publicidade dos acontecimentos do período (MACHADO, 2003). Na cobertura da Guerra do Golfo pela CNN, Machado (2003) argumenta que a manipulação, a censura ou autocensura nem sempre tornavam o telejornal um porta voz oficial do governo norte-americano. Na medida em que trabalha com a enunciação de cada porta-voz sobre os eventos, todos reduzem o conflito a pontos de vista individuais jogando uns contra os outros e neutralizando as versões.

Compreender os códigos audiovisuais é parte do desenvolvimento da leitura dos textos, dos discursos por ela apresentados, da escrita para as imagens e as experiências sócio-cognitivas que representam para o ser humano (CHARTIER, 1998; FLUSSER, 2010). As considerações sobre a dimensão discursiva no processo de mediação e no consumo cultural como um lugar de participação simbólicas destas audiências seguem pressupostos da Teoria Social do Discurso. Segundo Fairclough (2001), as mudanças sociais ocorrem mediante a reconfiguração ou a mutação dos elementos da ordem do discurso que atuam dinamicamente nas relações entre as práticas discursivas.

Neste sentido, os discursos são práticas políticas, que estabelecem, mantêm e transformam as relações de poder e as entidades coletivas; e práticas ideológicas, que constituem, naturalizam, mantêm e transformam os significados de mundo (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, para o autor, a dialética entre as ordens do discurso e a prática, ou eventos discursivos, possibilitam entender como ocorrem os processos de mudança na ótica da luta ideológica pela hegemonia, no foco sobre as intertextualidades presentes. O texto apresentado numa lógica sequencial de representações representa a escolha do enunciator a partir do contrato de leitura (FRANÇA, 2009) entre quem consome e o discurso informativo (CHARAUDEAU, 2007).

No sentido de considerar o consumo cultural dos produtos televisivos, Machado (2003, p. 245) reafirma a posição de autonomia que goza o telespectador, onde o público filtra e opera as leituras sobre o que assiste: “Diante do telejornal, todo espectador é um pouco também um editor, na medida em que deve comparar e analisar o material despejado no fluxo televisual, extraindo deduções daquilo que foi dito e do que foi silenciado”. Esse argumento é situado na questão de que quanto mais o governo atua para controlar as informações, mais o público está livre para compreender o que está em jogo, principalmente pela sucessão de vozes que compõem a estrutura narrativa dos conteúdos.

Focando no objeto analisado e nos estudos de jornalismo, a transição

entre a dimensão dos estudos dos efeitos para os estudos sociológicos até a atualidade remete a diferentes posicionamentos sobre a seleção e compreensão da presença de diferentes vozes nas notícias. Zelizer (2004) na formação do conceito de comunidades interpretativas destaca os papéis que a história, a antropologia, a sociologia e a psicologia contribuíram para a formação profissional e a construção de valores compartilhados, como o “faro para a notícia”. Um dos aspectos normativos desconstruídos ao longo das últimas décadas, a objetividade é encarada por Shudson (2010) como um conceito que foi criticado pelos próprios leitores diante dos acontecimentos sociais.

O acontecimento, digno de se tornar notícia, são compreendidos segundo Alsina (2009) como fenômenos externos aos sujeitos, mas ao mesmo tempo, possuem sentido graças ao sujeito que os tornam perceptíveis. Assim é possível tornar o conceito como algo determinado histórico e culturalmente dentro do processo de intertextualidade entre os diversos fatos. Na mídia, o autor destaca que o sistema funciona com inputs, os acontecimentos que geram outputs, que são as notícias, como produtos da mediação da instituição comunicativa. O conceito de notícia proposto pelo autor “é uma representação social da realidade quotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299).

Por fim, os caminhos teóricos aqui discutidos nos ajudam a entender e circular o envolvimento dos enunciadorees neste processo, entendidos na ótica de Becker (2012) como os atores sociais que participam da narrativa, em especial as fontes do jornalismo. É preciso reconhecer a participação destes agentes inclusive, no que Alsina (2009) aponta, como um dos fatores que geram críticas à noção liberal de objetividade. Olhar para a diversidade nos ajuda a perceber o quão fundamental é para toda enunciação o reconhecimento da multiplicidade cultural e ideológica da sociedade (STAM, 2010).

Análise Televisual e as fontes como enunciadorees

Para compreender as especificidades das mediações jornalísticas durante o período de ocupação no Paraná, a análise das notícias veiculadas segue o objetivo de olhar para as disputas de sentido e o valor atribuído às vozes sociais utilizadas (MARTÍN-BARBERO, 2004). A cultura popular, as diferentes representações como um ambiente de disputa e de diálogo (HALL, 2003) são partes do contexto onde os discursos instituem mudanças na sociedade (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, o “mundo real” nas notícias, conforme Alsina (2009), é a proposta de interpretação das fontes que geram os acontecimentos, e o jornalista que, ao produzir as mensagens se utiliza um “mundo de referência” que se traduz num “mundo possível”.

Com o objetivo de entender as notícias como espaços de conflitos sociais, segue-se aqui o aporte teórico-metodológico da Análise Televisual (BECKER, 2012) a partir dos três postulados defendidos na construção do

percurso de análise: a rede infinita de representações; os fenômenos culturais que funcionam sob a lógica do mercado simbólico da comunicação; e a heterogeneidade enunciativa. No primeiro postulado, a autora afirma que cada significante remete para outro(s) significante(s), onde os fenômenos são processos de produção de sentido, e como produtos culturais, podem ser vistos como discurso. No segundo, a partir dos ensinamentos da antropologia, na qual, considera os fenômenos culturais sob a lógica do mercado, que na comunicação constitui esse processo em um mercado simbólico com a construção do sentido pelo discurso dependendo dos contextos de produção, o que requer métodos comparativos. O terceiro se institui com a relativização do poder da mídia frente ao receptor, na proposta de que todo discurso é espaço de diferentes vozes, onde o enunciador nem sempre detém o poder (BECKER, 2012).

O estudo sobre a cobertura do movimento de ocupação é realizado seguindo os três passos propostos: a descrição; a análise televisual quantitativa e qualitativa da obra audiovisual e a interpretação dos resultados. Por fim, o segundo momento é o estudo qualitativo com a aplicação dos princípios de enunciação: Fragmentação; Dramatização e Definição de Identidades e Valores. O objeto de estudo envolve oito vídeos veiculados de 24 a 28 de outubro pelo telejornal Paraná TV 1ª Edição no site G1 PR. A escolha das datas é em virtude da primeira e única reportagem que foi ao ar sobre o tema no Jornal Nacional durante o mês no dia 26 de outubro.

a) Descrição

O Grupo Paranaense de Comunicação (GRPCOM) é hoje o principal produtor de conteúdo noticioso e de entretenimento no Paraná com oito emissoras da RPC TV (Rede Paranaense de Comunicação), as emissoras radiofônicas Mundo Livre FM em Curitiba e Maringá e 98 FM de Curitiba, além da unidade móvel de alta definição HDView. As oito afiliadas da TV Globo no Estado estão localizadas em Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Guarapuava, Foz do Iguaçu, Cascavel e Paranavaí. De acordo com os dados do Kantar Ibope Media do primeiro semestre de 2016, a emissora chegou a cinco milhões de telespectadores diariamente.

Neste contexto, o Paraná TV 1ª Edição, foco de nossa análise com os vídeos disponíveis no G1 PR, é o telejornal de meio-dia com maior audiência em todas as praças do Estado. Ele é totalmente local em Foz do Iguaçu e Londrina. Por isso, a escolha das reportagens veiculadas foi nos materiais da praça de Curitiba, que gera dois blocos estaduais para as regionais de Ponta Grossa, Maringá, Cascavel e do Noroeste, e integralmente para Guarapuava. Além disso, é a ponte em coberturas no Estado para a TV Globo em programas como Jornal Nacional, Bom Dia Brasil, Fantástico, Hora 1, entre outros. Além da ocupação, as notícias sobre a Lava Jato são resultados de reportagens produzidas em Curitiba, Londrina ou Maringá.

Os materiais coletados no site e analisados foram os seguintes:

- I. 24/10 – Confira como começou a semana nas escolas públicas do estado! (4'21'')
- II. 24/10 – Professores que estiverem dando amparo às ocupações responderão sindicância, diz Governo (2'55'')
- III. 25/10 – Jovem confessa que matou colega dentro do colégio (4'35'')
- IV. 25/10 – Confusão em escola ocupada no Sítio Cercado continua (2'50'')
- V. 26/10 – Estudantes fazem assembleia para discutir as ocupações de escola no estado (9'22'')
- VI. 27/10 – Alunos voltam às aulas em escolas ocupadas (2'39'')
- VII. 27/10 – Estudante defende o movimento estudantil na Assembleia Legislativa (2'10'')
- VIII. 28/10 – Justiça determina a desocupação de 25 escolas em Curitiba (2'24'')

b) Análise televisual

Estrutura do texto

O site do G1 PR na categoria Paraná TV 1ª Edição apresenta os conteúdos em VTs seguindo a ordem factual de cobertura de cada praça regional. No topo da tela, são colocados oito VTs iniciais de destaque que dependem da escolha a partir do conjunto disponível em cada telejornal. É possível fazer buscas pelo portal com possibilidades de escolha pelos vídeos mais vistos ou então por categorias em palavra-chave, além da personalização por cidade que possui um telejornal. Em cada uma dessas cidades, há a escolha por datas, além de botões que redirecionam para a quantidade de materiais disponíveis no dia. Os vídeos II, IV, VI, VII e VIII possuem uma estrutura com a apresentação da cabeça da matéria seguida de reportagens. As unidades I, III e V são blocos completos com uma duração de 4'21'', 4'35'' e 9'22'', nos quais, em entrada ao vivo, repórteres chamam notas, entrevistas e reportagens sobre as ocupações. A estrutura contém apenas dois botões de compartilhamento via rede social, sem a possibilidade de comentários na reportagem ou então redirecionamentos com conteúdos de *hiperlinks*.

Temática ou editorialização

A cobertura do movimento de ocupação, enquanto constituinte de um enunciado temático em geral foi subdividido aqui pela análise de cada vídeo, o que demonstra os subtópicos de todos os VTs do Paraná TV 1ª Edição. Em seis casos, a cobertura teve como foco central o descontentamento de pais e alunos com as ocupações, as ações do governo contra professores que apoiavam o movimento e sua legalidade, a ligação da morte do estudante dentro de um colégio ocupado no dia 25 de outubro com as ações desenvolvidas pelos adolescentes, as confusões entre contrários e favoráveis e as ações da justiça em torno da desocupação. Na ótica de fontes primárias ou secundárias (HALL et al, 1999), em apenas dois casos o movimento dos estudantes foi abordado de uma forma que ditasse as principais reivindicações ou

objetivos, durante a assembleia que decidiu pela continuidade das ocupações e na defesa da adolescente Ana Júlia na Assembleia Legislativa.

Enunciadores

Foco de nossa análise, o papel dos enunciadores revela a presença dos atores sociais que participaram da narrativa como um todo (BECKER, 2012). A pluralidade e a diversidade deste conjunto possibilitam analisar a qualidade de discussões da temática apresentada pelo telejornalismo (BECKER, 2008). Também conduzem às reflexões iniciais sobre as disputas de sentido e as formas com que os textos são mediados na sociedade (MARTÍN-BARBERO, 2004; SILVERSTONE, 2002; MACHADO, 2003). Assim, enumeramos aqui os percentuais e direcionamentos desta categoria durante a cobertura. Em um primeiro momento, a figura do apresentador Fernando Parracho segue as funções essenciais à estrutura narrativa do telejornalismo, sempre em pé, demonstrando empatia com o público e seriedade em todos os vídeos sobre o assunto. Todos os repórteres fizeram suas passagens nos palcos das ações, ou seja, ou em frente a escolas, em sete casos, ou na reportagem sobre as ações do Governo, em frente ao Palácio Iguazu.

No conjunto, 64 pessoas apareceram nos vídeos com a possibilidade de fala, incluindo o apresentador (7 vezes) e os repórteres (11). Nas ações de fala, duas professoras foram ouvidas de forma contrária ao movimento, pedindo a volta às aulas ao lado de três diretoras de escolas, dois funcionários, quatro estudantes, sete mães e dois pais. Nessa linha estão incluídos os dois pais que ligaram atos de violência com as ocupações em assuntos como a morte do estudante no dia 25 e o assalto em uma instituição de Curitiba. Nesse mesmo argumento atuou o Ministério da Educação, o governador Beto Richa, o secretário de Segurança Pública, Wagner Mesquita, e um delegado da Polícia Civil pedindo o fim das ações dos alunos após os casos. Também com argumentos contrários aos manifestos contra a PEC 241 e a MP 746, falaram o Governo do Estado em nota, a Secretaria de Educação, o Procurador-Geral do Estado e órgãos da Justiça sobre as reintegrações de posse.

O Ministério Público e Conselho Tutelar foram órgãos ouvidos em três casos, mas com discursos sobre a busca de um consenso demonstrando imparcialidade sobre o assunto. Já os favoráveis e envolvidos no processo de ocupação, os estudantes foram ouvidos oito vezes, além do manifesto de apoio do Sindicato dos Professores no Estado durante dois momentos. Se dividirmos entre três grupos que basearam seus argumentos contra, a favor ou então enquadrados de forma neutra sem demonstrar ligações diretas em suas falas (como o Ministério Público, Conselho Tutelar, o apresentador e repórteres), temos a seguinte configuração: 53% dos entrevistados tiveram um posicionamento contrário, enquanto 31% sem ligações com nenhum dos grupos, e apenas 16% (10 casos) puderam demonstrar argumentos favoráveis ao processo.

Se não considerarmos os enunciadores que contemplam os apresentadores e repórteres, e olhar somente as fontes, a disparidade

umenta: Contrários são 74% do conjunto de materiais analisados, enquanto 22% favoráveis e 4% sem uma postura clara. Em três reportagens, nos dias 25, 27 e 28, nenhum estudante foi ouvido para apresentar os argumentos sobre a continuidade dos atos de ocupação, demonstrando a ausência da possibilidade de leitura dos diferentes pontos de vista entre os atores sociais envolvidos no processo de ocupação.

Visualidade

Outra questão que compreende a busca pela leitura da linguagem audiovisual e o conjunto de significações disponíveis na leitura das imagens disponíveis (FLUSSER, 2010) e o que isso significa para o sentido total, utilizamos aqui uma perspectiva de analisar questões particulares e considerações em geral. Na apresentação, o cenário como um todo com uma bancada onde um computador é acessado pelo apresentador é um dos recursos, além de uma TV onde fala com os repórteres para chamar as reportagens ou então disponibilizar infográficos com dados sobre as ocupações, como o mapa do bloco no dia 26 de outubro.

Quanto aos cenários presentes nas reportagens, a preferência pelas imagens de escolas fechadas, com cartazes e portões trancados foi recorrente. Além disso, em diversos momentos, cenas de confusões entre pais e alunos, a supervisão da polícia militar e estudantes com camisetas sobre o rosto dão o tom da imagem disruptiva do acontecimento. Recursos gráficos para mostrar notas do governo e dos mandados de reintegração de posse pela Justiça paranaense também foram utilizados. As imagens que foram relacionadas com a ocupação estiveram no enquadramento da viatura do IML no dia 25 de outubro e o carro fechado da mãe do menino assassinado saindo da escola que teve o fim do movimento após a investigação policial.

Som

A combinação dos elementos sonoros, palavras, ruídos, trilha sonora foram questões pouco exploradas durante os oito vídeos disponíveis sobre as ocupações. O recurso do som ambiente durante discussões e confusões entre pais e alunos foram evidenciados nos VTs I, III, IV e VII, mostrando áudios de protestos ou então portões batendo em um caso. No restante, foram ouvidos as falas dos enunciadorees ou então o *off* do repórter sobre as imagens apresentadas.

Edição

A montagem do conjunto da obra audiovisual no site para compreender a narrativa jornalística sobre o movimento da ocupação tem uma característica de fragmentação nos oito VTs. A divisão entre os formatos televisivos seguiu a utilização da “cabeça” do apresentador que chamava as reportagens nos vídeos I, II, III, V, VII e VIII. O IV teve a entrada da repórter Dulcinéia Novais ao vivo no telejornal, disponibilizada no site, e na sequência uma reportagem sobre as confusões nas escolas ocupadas.

c) Análise qualitativa

No princípio de **Fragmentação** (BECKER, 2012) o conjunto de unidades audiovisuais disponíveis do site, mesmo que analisadas sob a ótica de uma temática, teve diferentes tratamentos ao longo da semana. Em três casos (veiculados nos dias 24, 25 e 26), os blocos do telejornal foram postados com o conjunto de formatos utilizados no início da semana sobre o descontentamento de pais e alunos sobre o movimento em diferentes escolas; o caso da morte do estudante Lucas Mota de 16 anos no dia 25, no qual se uniram a entrada de uma repórter, a cabeça do apresentador e diferentes entrevistados sobre o caso; e na cobertura da assembleia dos estudantes que decidiria sobre a continuidade ou não das manifestações no dia 26 com formatos sobre a cobertura em conjunto. Nos dias 24 e 27, reportagens que tinham a mesma abordagem sobre o tema foram colocadas em vídeos separados no mesmo contexto da cobertura noticiosa.

A **dramatização** nos aspectos que envolvem emocionalmente o telespectador, com etapas em que o clímax aumenta e confere um caráter dramático (BECKER, 2012) pode ser visualizado em diversos casos. A utilização técnica deste recurso pode ser vista no tratamento de questões que envolviam o descontentamento entre pais e alunos favoráveis e contrários à ocupação. As reportagens sobre confusões acentuavam imagens com a presença da polícia ou o som ambiente de discussões entre os participantes do movimento e aqueles que queriam a volta às aulas. No caso do discurso da estudante Ana Júlia no dia 28 na Assembleia Legislativa, os dois trechos mostram a busca do clímax da discussão de duas formas: a primeira focada no discurso emocionado da estudante que defendia as manifestações e a segunda quando acusa os deputados de terem as “mãos sujas de sangue” pela morte do estudante em uma escola no dia 25, o que gera discussões entre deputados e manifestantes. No caso da morte do estudante dentro de uma escola, as imagens da viatura do Instituto Médico Legal e a fala de professores e pais que ligaram o assassinato com as ocupações, também fizeram parte da comoção pública expressa com o caso no Estado.

No caso da **Definição de Identidades e Valores**, como a forma de conhecer as marcas enunciativas, os valores atribuídos ao caso da ocupação e os conflitos entre contrários e favoráveis ao movimento são partes da discussão (BECKER, 2012). Aqui, também como consequência do conjunto de enunciadores, e por sua vez as fontes ouvidas, demonstra uma busca ampla por pessoas contrárias às ocupações. O número pequeno de estudantes que foram ouvidos e imagens com alguns com o rosto coberto revela estereótipos dos manifestantes durante o momento. O conjunto propõe uma leitura sobre as manifestações dos estudantes de uma forma focada no acesso disruptivo (MOLOTCH; LESTER, 1999) ao temário jornalístico, com foco na falta de aulas e problemas gerados pelas escolas ocupadas. Em alguns casos, o conflito entre pais e alunos era demonstrado somente pelo argumento contrário às ocupações e em apenas dois casos ouvindo os argumentos dos ocupantes.

O que dizem as fontes?

O segundo movimento metodológico é resultado de entrevistas semiestruturadas com seis estudantes que participaram do movimento de ocupação nas escolas Francisco Carneiro Martins, Antonio Tupi Pinheiro e Mahatma Gandhi. Em todos os casos, os participantes organizaram coletivos de comunicação para debater os conteúdos noticiosos e realizar estudos sobre a PEC 241 (depois PEC 55) e a MP 746 com o objetivo de atuarem como fontes para os jornais tradicionais e agir estrategicamente em sites de redes sociais. Como afirma Zelizer (2004), as raízes dos estudos do jornalismo remetem a áreas como a etnografia, antropologia, sociologia, história, psicologia, o que nos leva a entender os deslocamentos conceituais e metodológicos dos estudos atuais. Neste sentido, a hegemonia do receptor como uma das premissas apontadas (BECKER, 2005) e a desterritorialização (MARTÍN-BARBERO, 2004) ao partir para as vozes presentes em um emaranhado da cobertura (MACHADO, 2003) provocam a busca por entrevistas com os enunciadores em potencial ou então as fontes do discurso informativo (CHARAUDEAU, 2007) e como essas vozes podem provocar as mudanças sociais sobre determinadas temáticas (FAIRCLOUGH, 2001).

O método utilizado é o da entrevista semiestruturada com o objetivo de explorar o espectro das opiniões destas fontes e as diferentes representações que a cobertura jornalística proporcionou para os participantes do movimento (GASKEL, 2002). A variável padrão que explica a escolha do corpus são os participantes do movimento em coletivos de comunicação que atuavam estrategicamente na sensibilização da imprensa ou postando materiais em redes sociais sobre a ocupação a que pertenciam (DUARTE, 2006). A lista de questões que configuraram o tópico-guia foi estruturada de acordo com a amplitude temática da cobertura do movimento pelos códigos televisuais. Assim, seguindo o argumento de Duarte (2006), o objetivo não é provar algo, mas explorar o caráter subjetivo da ação dos enunciadores na proposição de interpretações (ALSINA, 2009) sobre os acontecimentos.

Os estudantes não serão identificados com o objetivo de preservar a imagem dos adolescentes. A divisão dos resultados é organizada a partir da forma com que acessavam as notícias nas ocupações; a percepção sobre a cobertura televisiva a respeito do movimento; e as estratégias de leitura e divulgação das ações. No primeiro caso, todos os estudantes afirmaram que organizavam grupos no horário das 12h e 19h para assistir aos telejornais locais e assim acompanhavam as notícias em conjunto com os companheiros de ocupação. É preciso considerar aqui o contexto diferenciado de consumo dos textos apresentados pelos telejornais (FAIRCLOUGH, 2001). Como relata um estudante do Colégio Antonio Tupi Pinheiro, eles constituíam grupos para debater a PEC 241 e a MP 746 com o objetivo de estudar sobre os casos para possíveis entrevistas com a mídia. Os participantes também afirmaram que majoritariamente, a busca pelos telejornais via redes sociais era acentuada para o compartilhamento e a possível desconstrução de argumentos contrários à ocupação.

A percepção sobre a cobertura televisiva das ocupações, para os

estudantes é direcionada para aspectos sobre a distorção das informações relacionadas à ocupação e a crítica das fontes sobre a abordagem carregada de estereótipos. Uma das questões identificadas pelos entrevistados foi a falta de estudantes ouvidos e, mesmo quando estavam à disposição, eram abordados somente em situações de conflito, não necessariamente mostrando as ações desenvolvidas dentro da escola. Segundo a estudante T. C., de 14 anos, em algumas instituições ocupadas, os estudantes deixaram de falar com a imprensa devido ao medo de edições nas falas.

Eu me informo sempre por redes sociais e pelos telejornais da RPC. Na maioria das vezes, eles colocam os alunos como baderneiros ou então alunos que não têm a mínima noção do que estão fazendo. Ainda mais com essa propaganda do governo dizendo que as crianças do Paraná estão sendo doutrinadas e não sabem o que estão fazendo. Pelo contrário, sabemos muito o que estamos fazendo, e isso é um jeito de queimar o nosso nome na mídia e o povo todo assiste ao jornal, estão nas redes sociais, por isso, e podem achar que isso está correto e na realidade não. Por isso temos que atuar também nesse sentido da comunicação. (L. A., 17 anos).

Entre as principais estratégias dos grupos formados nas escolas, o uso de redes sociais foi a principal arma para o conflito com as mensagens midiáticas na disputa de sentido dentre os diferentes discursos sociais. Um exemplo está na formação de um grupo no aplicativo de conversações WhatsApp pelo grupo dos colégios Mahatma Gandhi e Francisco Carneiro Martins para desmentir boatos ou até mesmo se posicionar frente a materiais jornalísticos. Os participantes mantinham grupos de estudos sobre a PEC e a MP com o objetivo de buscar preparação para momentos como uma entrevista para os meios. Segundo os estudantes, no caso do Colégio Mahatma Gandhi, o primeiro a ser ocupado na cidade de Guarapuava, quatro participantes foram ouvidos pelos meios locais e se organizaram para defender as ações frente ao jornalismo local.

Eu vejo que a melhor estratégia é dar entrevistas para a mídia, mostrar as atividades que são feitas durante o dia, principalmente sobre os pontos chave. Como eu disse, no horário dos dois telejornais, além de muitas matérias falarem sobre a ocupação sem entrevistar os estudantes, o governo ainda divulga propagandas pedindo para os alunos desocuparem as escolas. Esse é o horário nobre que os pais estão nas escolas, e através destes jornais podemos chegar aos pais e aos comerciantes, para verem o que está sendo desenvolvido. Agora, isso não depende só da gente, né (sic)? Até estamos aqui querendo ser ouvidos, mas isso aconteceu uma vez. (A. C., 16 anos).

A intensidade do conflito social formado pelo movimento de ocupação demandava uma cobertura plural e diversa, numa dimensão igualitária no

conjunto de enunciadores, o que também não foi percebido pelos estudantes. Como afirma Bakhtin (2010), a alternância dos sujeitos no discurso é o que dá massa firme e garante a primeira peculiaridade constitutiva do enunciado como uma unidade de comunicação discursiva. A polifonia e a possibilidade de distintas vozes no gênero informativo, o que garante qualidade ao audiovisual (BECKER, 2008; GUERRA, 2008) não é vista sequer nas modalidades de enunciação que não identificam os estudantes ou o movimento (CHARAUDEAU, 2006). Essa situação reforça ainda mais a necessidade de estudos que contemplem a origem e as especificidades da mediação jornalística (SILVERSTONE, 2002), com o olhar para a interpretação dos acontecimentos e a transparência dos discursos na visibilidade das fontes, na compreensão das disputas de vozes e na possibilidade de diferentes leituras da audiência.

Considerações finais

O jornalismo audiovisual, como uma forma de conhecimento (GENRO FILHO, 1987; BECKER, 2012) precisa ser reconhecido na importância institucional que exerce na sociedade. Em momentos como as ocupações, de intensas disputas discursivas entre os enunciadores, a presença de diferentes atores não reflete somente um desejo pluralista oriundo das discussões liberais, mas sim a ótica da heterogeneidade social dos debates políticos, econômicos, culturais e das próprias audiências no consumo diário destas informações. Um requisito não somente de visibilidade, mas de qualidade dos produtos informativos a partir do contrato de leitura que possui com o público.

Reconhecendo a hegemonia das audiências e as amplas possibilidades de leituras nas apropriações e reapropriações deste conteúdo, o artigo verifica caminhos na análise da cobertura informativa na ótica das fontes. Em primeiro lugar, pontua a possibilidade de cruzamentos metodológicos que revelam escolhas específicas na ótica da disponibilização dos enunciadores e na escolha das imagens durante a cobertura do movimento estudantil. Num segundo momento, a reflexão permanece de uma forma contestadora na leitura apresentada pelos estudantes que participaram do movimento. Mesmo que engajados na causa e atuando como fontes, a ausência de visibilidade e da exploração das vozes do movimento é um dos aspectos mais abordados pelos entrevistados.

O estudo também possibilitou analisar novas formas de pensar a classificação das fontes e como são acionadas dentro de coberturas específicas. No caso das ocupações, além de não serem selecionados nos itens jornalísticos analisados, quando os estudantes são ouvidos, são encaixados em temáticas específicas de conflito ou ruptura, como os problemas gerados pela falta de aulas. Por outro lado, também neste mesmo sentido, pais, alunos e professores contrários ao movimento foram acionados em formações discursivas que proporcionam uma definição de valores e identidades sem

diversificar as discussões. Desta forma, a hipótese do trabalho se verifica e propõe um debate para além da quantificação e diferenças entre fontes oficiais e não oficiais, mas dentro das formas discursivas presentes nas vozes selecionadas pelo jornalismo, no caso das ocupações.

Os estudos sobre as mediações e os processos de produção jornalística possuem nas fontes uma origem noticiosa que parte do reconhecimento de seus lugares de fala (as classificações nas teorias do jornalismo apontam para as diferentes posições entre fontes oficiais e não oficiais), mas também na ação destas na transformação social pelo e com o discurso. A construção de sentido sobre os discursos presentes nas notícias, como parte das mediações do jornalismo, passa pelo questionamento sobre as origens destes processos (SILVERSTONE, 2002). O conjunto de dados apresentados pela análise dos itens jornalísticos do Paraná TV 1ª Edição e pelas entrevistas mostra a adoção e a percepção de um discurso onde não prevalece a diversidade e a pluralidade na construção polifônica de sentido sobre o momento das ocupações.

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BECKER, Beatriz. Diversidade e Pluralidade: Desafios da Produção de um telejornalismo de qualidade. In: BORGES, G.; REIA-BAPTISTA V. (Orgs.). **Discursos e Práticas de Qualidade na Televisão**. Lisboa: Novos Horizontes, 2008.

_____. Mídia e jornalismo como formas de conhecimento: uma metodologia para leitura crítica das narrativas jornalísticas audiovisuais. **Matrizes**, São Paulo, v. 5, p. 231, 2012.

_____. **A linguagem do telejornal**. Um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Unesp, 1998.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: _____; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São

Paulo: Atlas, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

FLUSSER, Vilém. **A escrita – Há futuro para a escrita?** Tradução de Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

FRANÇA, Vera. O “popular” na TV e a chave de leitura dos gêneros. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

GASKEL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: _____; BAUER, M. W. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guarechi. Petrópolis: Vozes, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad**. Miguel Hidalgo: Grijalbo, 1990.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide** – para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre. Editora Tchê: 1987. Disponível sem paginação no site www.adelmo.com.br/bibt/t196.htm. Acesso em: 12 dez. 2017.

GUERRA, Josenildo Luiz. **O percurso interpretativo na produção da notícia: verdade e relevância como parâmetros de qualidade jornalística**. São Cristóvão: UFS, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução de Adelaide La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos mídia. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora Senac, 2003.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

_____. **Ofício de cartógrafo: travessia latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MOLOTCH, H.; LESTER, M. A notícia como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Vega, 1999.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução: Milton Camargo Mota. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

SHUDSON, Michael. **Descobrimo a Notícia: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

STAM, Robert. Bakhtin e a crítica midiática. In: RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. (orgs.). **Mikhail Bakhtin: linguagem, cultura e mídia**. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.

ZELIZER, Barbie. **Taking Journalism Seriously**. Thousand Oaks: Sage, 2004.